

1920 **100** anos 2020

Chiara



# CHIARA E A FAMÍLIA

Recordam-se  
da data de nascimento  
de Chiara Lubich?

**22.1.1920**

Este ano faria 100 anos!  
Aproveitamos esta  
data especial  
para conhecer  
um pouco mais  
a sua infância  
e a sua família.

## 12ª FAMÍLIA E O SOFRIMENTO

## 1.2 A FAMÍLIA E O SOFRIMENTO



### Objetivos

- Refletir sobre o relacionamento de Chiara com os seus pais/irmãos e sobre os momentos dolorosos que viveram.
- Crescer na comunhão das dificuldades que cada um vive na família e no amor recíproco, concreto não só para com cada gen3, mas também para com as próprias famílias e entre as famílias.



*Como conseguimos viver o nosso compromisso de fazer o amor crescer na família?*

*Espaço para a comunhão de experiências e ... falhas.*



### Atividade

Trazer alguma concha e uma pérola e perguntar quem sabe como nasce uma pérola.

Um desagradável grão de areia entra na ostra. O molusco, atingido pela dor, recobre essa pedrinha irritante com um véu de madrepérola, depois com outro véu e assim por diante... e a pedrinha se torna uma pérola preciosa.

PPT **“La perla”** (“A pérola”)  
<https://www.youtube.com/watch?v=9IN2IQ9QU30>



### Atividade



*Também na família*, assim como na ostra, entram “pedrinhas”, que são dificuldades e dores, grandes ou pequenas. Com o amor a Jesus Abandonado, queremos amar com predileção os que mais sofrem em nossas famílias, para que a dor se transforme em uma pérola preciosa, em um amor maior.

Trazer um **“porta-joias”** (isto é, uma caixa bonita para guardar um tesouro) colocá-lo no centro do grupo e em outro recipiente as pérolas.

Convidar todos a se lembrarem de uma dificuldade que estão enfrentando ou que viveram na família, pegar uma pérola e colocá-la na caixa. Quem quiser pode contar.



No final, concluir com **um consenserint** por todas essas situações difíceis e outras que conhecemos em outras famílias ou países distantes.

Dar a todos uma saquinho onde colocamos **uma pérola para levar para casa**, para lembrar desse momento e para rezar e viver por todas as famílias dos/das gen3 que vivem situações difíceis.



## EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DE CHIARA

Vocês se lembram de algum episódio difícil na história da família de Chiara?

Vamos ler / ouvir um

Tirado de:

**“E a vida renasce entre as bombas...”**

Silvana Veronesi

Cidade Nova, São Paulo, 2014.

## CHIARA DIZ À NATÁLIA, UMA DAS SUAS PRIMEIRAS COMPANHEIRAS:

“Quando você foi embora, ontem à noite, esperamos ainda muito tempo para poder chegar em casa. Mas, depois, nos demos conta de que não íamos dormir lá. Veja como está tudo por aqui; ontem, era pior. Além do mais, poderia haver uma bomba ainda não explodida, e nós poderíamos inadvertidamente pisar nela, pois não se via nada. Juntos com papai, aproximamo-nos para recolher algumas coisas e decidimos dormir ao ar livre.

Estendemos alguns cobertores entre as árvores de Gocciadoro, um bosque próximo dali. Minhas irmãzinhas menores **já não estavam com medo**. Sorriam ante a possibilidade de dormir num bosque. Pareciam ser as exploradoras da floresta.

Depois, caiu a noite, e suas sombras envolveram tudo. Deitamo-nos todos, uns ao lado dos outros. Minhas irmãs adormeceram à minha direita, enquanto meus pais

Estrelas e lágrimas

conversavam a respeito do que fazer no dia seguinte: levantar cedo, recolher as poucas coisas que se podiam salvar e procurar abrigo fora da cidade...

**As estrelas já dominavam o céu**, e eu olhava para o alto sem poder conciliar o sono. Deixar Trento amanhã... Mas eu não podia ir embora, lembrei-me de repente, pois prometi a Deus, em dezembro, que permaneceria em Trento, acontecesse o que acontecesse... Na ocasião, não podia prever nada disso...

Aquele **céu maravilhoso, salpicado de estrelas, de repente, começou a pesar sobre mim:**

**“Sim, prometi-o a Deus**, no dia em que me consagrei a Ele para sempre”.

Papai e mamãe ainda falavam sobre o que e como o fariam, pois não havia meios de transporte: “O jeito é carregar tudo nas costas”, ouvi-os dizer.

E eu não poderia levar a bagagem, porque não partiria com eles. Deveriam ir sozinhos, sem a minha ajuda. Eu teria de deixar minhas irmãzinhas e mamãe, já idosa; sim, teria de deixar mamãe!

E começaram a **rolar as primeiras lágrimas**, escorrendo até quase as orelhas. Sempre fui muito afeiçoada a meus pais. De

fato, até o ano passado, quando ficava muito tempo sem ir para casa, pois lecionava num vilarejo próximo, corria para trás do quadro-negro a fim de esconder as lágrimas que me vinham aos olhos. A fim de enxugá-las apressadamente, sem que as crianças percebessem, fazia de conta que ia apanhar giz ou o apagador.

Como faria agora para deixá-los partir sozinhos? As lágrimas continuavam a rolar ainda mais, até que tive de assuar o nariz, e mamãe notou: **“Coragem, não chore! Tudo passa.** Também isso vai passar. Encontraremos uma boa pessoa que nos dê hospedagem, não se preocupe...”

Nada pior do que ser consolada por ela, a quem eu mais faria sofrer. Cada palavra que ela dizia era como uma punhalada.

**As lágrimas continuavam a cair silenciosas, naquela escuridão que parecia não findar mais.** As estrelas refletiam-se opacas nos meus olhos molhados pelo pranto.

Imediatamente me lembrei, não sei por que, de uma frase de Horácio. O que tinha Horácio a ver com tudo aquilo?! A frase era: **“Omnia vincit amor!” – O amor vence tudo...** Tudo? Também aquela circunstância?

Parecia-me uma crueldade... O amor vence tudo... Sim, o amor venceria também desta vez. E disse o meu sim a Deus. Fui invadida por uma paz e uma força que não tinha antes. Enxuguei os olhos e não chorei mais.

Às quatro horas — ainda não era dia claro — levantamo-nos. Como contar a minha decisão, então? Mas não estava mais preocupada.

Fomos com papai até nossa casa para ver o que havia sobrado e se ainda podíamos recuperar alguma coisa. Segui à frente de todos, pois nada mais tinha a perder. Que importavam as bombas explodidas ou por explodir? O que me importava viver ou morrer? **Deus, a quem eu tinha escolhido, não mais me faltava.**

Subi ao primeiro andar. A cozinha estava na maior desordem, bem como todas as outras dependências. Não entendi como é que, em toda aquela catástrofe, ainda tinha ficado pendurado na parede o quadro do Sagrado Coração de Jesus, diante do qual,

de mãos estendidas, Dori e eu juramos que Jesus era a Verdade. Os soalhos ainda resistiam. Meus pais também subiram, comigo, pouco depois. Papai acendeu uma vela num quarto, e mamãe dirigiu-se a outro.

Chegou o momento. Ajoelhei-me ao lado de papai: **“Tenho algo para lhe dizer”**. As lágrimas recomeçaram a correr, mas de qualquer modo consegui dizer o que pretendia: **“Prometi ao Senhor Deus não deixar a cidade por nenhum motivo e, por isso, agora tenho de deixá-los”**.

Papai, que às primeiras palavras olhou-me surpreso, como alguém que se prepara para ouvir alguma coisa grave, ficou em silêncio, imóvel. Em seguida falou: “Está bem, filhinha, você deve obedecer a Deus. Eu a abençoo”. Parecia incrível: papai me dava a sua permissão! **Senti o coração saltar de alegria e pensei: Então Tu, meu Deus, queres mesmo!** Corri até onde estava minha mãe, acreditando que aconteceria com ela a mesma coisa. Mas isso não se deu. Ela chorou muito e eu,

com ela. **Ela não compreendia a razão.**

Mas, enfim, o passo já tinha sido dado.

Papai e mamãe depois concordaram: “A providência nos ajudará”, disseram. Você sabe, Natalia, que temos pouco dinheiro. Desse modo não se podia pensar em nos alojar fora da cidade, num lugar reservado. Se meus pais encontrassem alguém de bom coração que os ajudasse, tudo bem. Senão...

Ajuntamos o que podíamos. Mas eu garanto a você, Natalia, que **o momento mais difícil** foi quando tive de por nas costas de minha mãe a mochila que eu deveria carregar. Foi uma dor imensa para mim, embora reconhecesse que alguém tinha de levá-lo.

Beijamo-nos, e eles tomaram a direção de uma estradinha à esquerda, seguindo depois em frente, rumo ao campo. Eu, pelo contrário, dirigi-me à cidade.”

**Conta-nos a Silvana, uma das primeiras companheiras de Chiara:**

Enquanto ouvia o que Natália me contava, lembrei-me de que, justa-

mente no dia anterior, eu havia falado com a **mãe de Chiara** pela primeira vez. Ela me dissera que naquele dia, **tão logo se separaram da filha, tranquilizaram-se** e sentiram o coração tão cheio de alegria que se puseram a cantarolar pela estrada, enquanto suas duas irmãs, vez por outra, se detinham para apanhar flores. Depois de terem percorrido alguns quilômetros, encontraram duas moças que os hospedaram de bom grado na casa delas.

Deve ter sido um grande consolo para Chiara ver a sua família a salvo e entre pessoas tão boas. É mesmo verdade o que diz Jesus: **“Dai e vos será dado”**. Se nos preocuparmos somente em amá-lo, Ele nos ajudará. É preciso um pouco de coragem. Mas também o Senhor fez bem todas as coisas: aquela benção de seu pai foi muito oportuna. Chiara de fato, amava demais os seus pais para permanecer em Trento sem a permissão deles. Por outro lado, **se ela não tivesse ficado, como teria surgido tudo aquilo que viria depois?**“

## CHIARA NA RAI



### CHIARA NO PROGRAMA DE RAI 3: "O MEU SÉCULO XX"

(transmitido no dia 13 de agosto de 2003)

Legenda:

*Maio de 1944 – Estrelas e lágrimas*

Estamos em 1944, enfurecia a guerra. Era uma guerra terrível, inclusive porque Trento foi fortemente alvejada.

Uma noite, em maio, soubemos que estava para acontecer algo grave. Então, eu e toda a minha família, levando alguma coisa conosco, nos refugiamos num bosque, que ficava longe de casa, na periferia da cidade. Ele se chamava "Gota de ouro". Ali, com as minhas irmãs, meu pai e minha mãe, pois meu irmão trabalhava no hospital, pois estava terminando o curso de medicina, *passamos a noite ao relento, neste bosque*, de onde víamos o céu com as estrelas. Eu comecei a compreender o que me teria acontecido, isto é, eu estava completamente ligada à minha família. Eu a sustentava com o salário que recebia, pois tínhamos poucas entradas. Porém, compreendia que devia deixá-la, que

era o momento de deixar meu pai e minha mãe, pois o Movimento já tinha começado na cidade. Eu já tinha algumas companheiras e já eram várias.

Eu chorava e olhava para as estrelas. Lembro que pela primeira vez me dei conta, durante a noite, de que as estrelas percorriam um caminho, que cruzavam o céu. Refletindo sobre aquela noite, eu a defini: *estrelas e lágrimas, estrelas e lágrimas.*

Eu disse: «Não posso deixar os meus pais!» Eu era a única que ganhava naquele momento. Papai estava desempregado. «Como posso deixar os meus?

Eles contam comigo e não será possível voltar para casa». De longe eu vi que a minha casa foi danificada. Caiu uma bomba perto dali. Então, eu chorava. A minha mãe começou a me consolar: «Minha filha, vamos conseguir, iremos para as montanhas. Encontraremos alojamento em algum lugar. Não tenha medo!» Foi então que pensei numa frase, que não é do Evangelho, não é uma frase cristã. É de Virgílio, que eu tinha estudado: *«O amor vence tudo. O amor vence tudo!»* Eu disse: «O amor por Deus deve vencer também isso?»

Eu me decidi. Voltamos para casa, mas não podíamos subir os degraus, pois foram destruídos. Porém, eu tentei subir com meu pai e ali lhe disse: «Papai...» Era so-

cialista, mas muito generoso. «Papai, eu não posso partir com vocês. Começou um Movimento assim e eu devo permanecer aqui. *O senhor me dá a sua bênção?»* e ele me deu.

No outro aposento estava minha mãe, que era muito religiosa, e eu lhe disse: «Mãe, está acontecendo isso e aquilo. A senhora me dá a sua bênção?» Ao invés, minha mãe se sentiu... Era compreensível, pois ela estava transtornada. Porém, tive que fazê-lo. Já tinha a bênção de meu pai.

Quando descemos as escadas para ir na direção das montanhas... Eles se refugiariam nas montanhas. Foi uma tragédia para mim, pois tive que colocar a minha mochila nas costas de minha mãe que já era curva. Assim o fiz. Eles partiram. Eu não sabia para onde teriam ido. E durante anos não soube como viveram aquela situação.

Depois de 16 anos eu soube que, enquanto caminhavam, se sentiram felizes. Também neste momento Deus nos ajudou. Eu caminhei na direção da cidade. Estava impressionada, chorava. Via as árvores arrancadas, o hospital destruído, algumas mulheres todas maquiadas, cheias de jóias... ali, mortas. Prossegui na direção da cidade *para procurar as minhas companheiras*, para ver se estavam vivas. Graças a Deus estavam vivas.

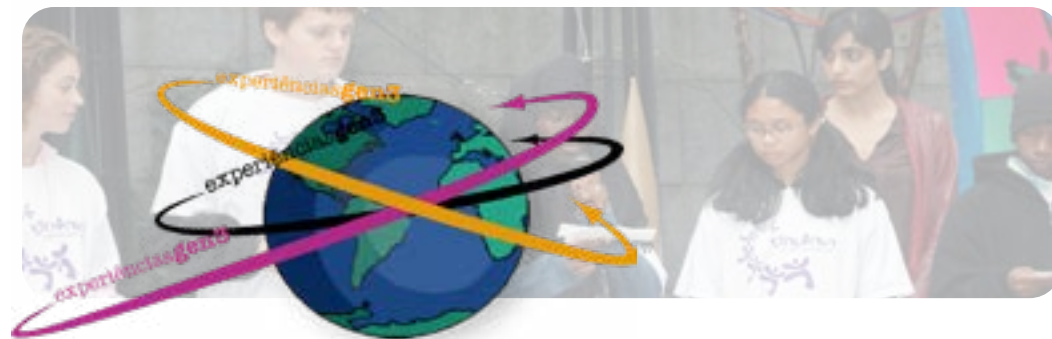
Chiara



Canção:

**Stelle e lacrime** (“Estrelas e lágrimas”)

<https://www.youtube.com/watch?v=kCBGtSE4IKw>



Jogo:

## Não desistir nunca

### Atividade

Dividir os adolescentes em grupos de 4. Cada equipe tem à disposição 4 paus colocados em # e uma bola, colocada no centro do #, para ser transportada até o final do percurso sem deixá-la cair. Ao longo do percurso, colocar vários obstáculos.

Se a bola cair, colocar os paus no chão. Recolocar a bola no centro e seguir o caminho de onde foi interrompido.

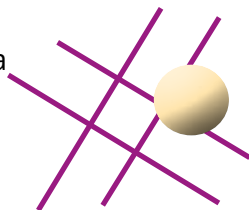
Quando uma bola alcança a linha de chegada, os 4 jogadores que seguravam os paus retornam ao próprio time e os entregam a outros 4 jogadores que levarão outra bola. A equipe que conseguir primeiro levar 4 bolas para a linha de chegada vence.

Quem ganha descobre o segredo do jogo

(escrito em um belo pergaminho enrolado):

**“Amar sempre, mesmo quando é difícil”!**

O pergaminho pode ser entregue a cada jogador no final do dia.



## BRASIL

Minha família era muito unida e havia um grande diálogo entre nós. A certa altura, meu pai perdeu o emprego e começou a ir a bares, voltando bêbado para casa. Ele discutiu com minha mãe sem motivo, deixando-me com muita raiva, porque eu não entendi o que estava acontecendo.

Meu pai se afastou da Igreja e do Movimento dos Focolares: não via mais sentido na vida e, embora tivesse problemas de saúde, não seguia as recomendações médicas. Sofria muito porque o amava tanto, tinha muita admiração por ele e era como se essa imagem desmoronasse diante de mim. Eu já estava um pouco desanimada e comecei a julgar seu comportamento. Somente o amor por Jesus Abandonado me ajudou a recomeçar. Depois, lentamente, meu pai começou a se aproximar, não ia mais frequentemente a bares e cuidou mais da sua saúde.

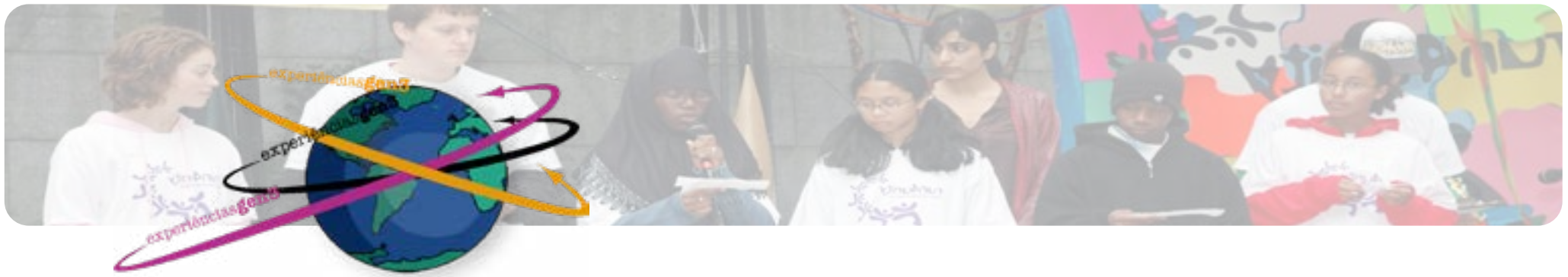
Eu tinha decidido ir morar na casa gen, mas tinha medo de que, se eu fosse embora, as coisas piorassem

novamente. Sentia que, para mim, era uma experiência importante crescer no amor de Deus e, com coragem, fui, confiando meu pai e toda a família a Jesus. Para minha surpresa, meu pai começou a me visitar. Atraído pelo clima de Jesus no meio, ele vinha cada vez mais e nos ajudava em muitos pequenos trabalhos de manutenção da casa.

Um dia, voltando para casa depois de passar o fim de semana conosco, sempre a serviço, ele disse para a minha mãe que não entendia por que trabalhava tanto e voltava para casa tão descansado e feliz.

Depois de alguns meses, meus pais comemoraram 20 anos de casamento. O meu pai quis ir à Missa junto com todos e pediu perdão à minha mãe, pedindo para recomçarem.

Foi uma grande alegria para minha mãe e para mim. Pareceu-nos a resposta de Deus ao nosso pequeno mas fiel amor a Jesus Abandonado.



## USA

Em 2015, meu pai perdeu o emprego devido a um acidente. Ele estava dirigindo grandes vans nos Estados Unidos. Naquela época, apenas meu pai trabalhava em nossa família e meu irmão Kevin frequentava a universidade. Quando recebemos a notícia, nos abraçamos e confiamos a Deus e a Nossa Senhora naquele tempo de provação.

Depois de rezar juntos, decidimos seguir em frente: meu irmão e minha mãe começaram a procurar trabalho. Felizmente, no mesmo dia, ambos encontraram um lugar no McDonald's.

Naquela época, morávamos no México, então tínhamos que atravessar a fronteira todos os dias para ir trabalhar. O turno da minha mãe começava às 3h30 e o do meu irmão às 11 horas. Até meu pai teve que atravessar a fronteira para fa-

zer fisioterapia após o acidente. Nós tínhamos apenas um carro, então tínhamos que sair de casa todos juntos e eu também tinha que segui-los porque era menor de idade. Saíamos todos os dias à 1h30 para levar minha mãe para o trabalho. Levávamos cobertores para dormirmos no carro até o amanhecer. Depois chegava a vez do meu irmão ir trabalhar; meu pai e eu ficávamos no carro o dia todo: dormíamos e comíamos lá.

Depois do turno da minha mãe, ela devia ir para o segundo emprego, então precisávamos esperar até as sete da noite para poder ir para casa juntos. Embora vivendo essa situação durante um mês, experimentamos uma grande unidade, paz e amor em nossa família, porque procurávamos viver um para o outro.

Um domingo, minha mãe foi à missa depois do trabalho e

encontrou uma amiga. Contou para ela que estávamos bem e que vivíamos essa experiência de "acampar com o carro". Ela olhou para minha mãe e disse que poderíamos ir morar na sua casa. Quando minha mãe nos deu a notícia imediatamente agradecemos a Deus por essa oportunidade. Lembramos como Chiara confiava em Deus e no Evangelho, e também nós, agora, como acontecia nos "primeiros dias", estávamos recebendo o que, com fé, tínhamos pedido.

Como família, aceitamos a hospitalidade dessa amiga e, apesar de termos nos oferecido para pagar o aluguel, ela não aceitou e não nos cobrou. Experimentamos que Deus realmente tinha pensado em nós, também porque poucos dias depois recebemos um pedido para deixar a casa onde morávamos no México.

Depois de três meses, meu pai recebeu uma indenização por invalidez e, com esse dinheiro, conseguimos alugar o apartamento onde ainda moramos hoje. Minha mãe voltou a estudar e meu pai, depois de 18 meses, voltou ao trabalho. Estamos felizes porque a unidade em nossa família sempre permaneceu bela; de fato, cresceu após esses meses difíceis.

No início deste ano, no entanto, o tribunal não confirmou mais a indenização pelo incidente e agora não recebemos mais este dinheiro. Temos certeza de que tudo correrá bem se nos confiarmos a Deus. Eu sempre digo: "somos pobres economicamente, mas somos espiritualmente ricos porque temos fé no amor de Deus". Nos sentimos fortes e confiantes porque somos unidos.



## ITALIA

Ser gen 3 para mim significa colocar Deus em primeiro lugar e viver o Evangelho e, portanto, também estar pronta para fazer escolhas difíceis. Meus pais se separaram quando eu tinha 10 anos de idade. Não vivi bem essa situação. Minha mãe tentou não me deixar sentir a separação e ser para mim mãe e pai, mas senti muito fortemente a ausência de meu pai.

Sofria quando saía da escola e via alguns pais esperando por seus filhos e ficava triste quando meus colegas conversavam sobre jogos e viagens que faziam com seus pais. Para mim faltou tudo isso.

Durante muito tempo, pensei que poderia ficar sem um pai, porque já tinha tudo. Na verdade, eu sentia muita raiva, porque a princípio ele me procurava, mas apenas para me colocar contra minha mãe; depois ele nunca mais me procurou. Ele me esqueceu! E assim, se passaram muitos anos “de silêncio”: meu pai não se fez mais vivo e eu não o vi mais, porque ele se mudou para outra cidade. Enquanto isso, cresci e não quis mais encarar o assunto do relacionamento com meu pai, para que eu e minha mãe não sofrêssemos.

Até que, depois de sete anos de silêncio, recebi um telefonema de um parente de meu pai, que me disse que meu avô havia ido para o céu, pedindo-me para comparecer ao funeral. Naque-

le momento, senti emoções que não consigo descrever: senti-me perdida e confusa. O que devia fazer? Tudo o que me parecia óbvio antes não era mais assim. Eu dizia a mim mesma que, afinal, eles, os adultos, nunca mais me procuraram!

Conversei sobre isso com meu pároco que, depois de me ouvir, me respondeu citando algumas frases do Evangelho que ainda carregou em meu coração: “Faça o bem aos que te perseguem. Responda ao mal com o bem. Perdoe e será perdoado.” Não tinha mais dúvidas: tinha que ir! Ser um gen significava justamente isso: viver o Evangelho ao máximo. Minha mãe também me incentivou a dar esse passo.

Então, no dia seguinte, fui ao funeral do meu avô, onde esta-

vam presentes o meu pai e toda a minha família paterna. Eu sentia um grande mal-estar! Estava quase me arrependendo da minha escolha, mas no meu coração sentia que tinha que dar esse passo e perdoar sem esperar nada em troca. E então me aproximei dos meus parentes, do meu pai e o abracei com força. Meu pai mal me reconheceu.

Quando saí da igreja, me sentia livre: acabei com a raiva que carregava dentro de mim. Perdoei meu pai e isso me deu uma enorme alegria: o vazio e a raiva que sentia dentro de mim se transformaram em amor.





Atividades  
práticas

## VAMOS LIBERAR A CRIATIVIDADE

### 9-12 anos

Trabalho:

preparar *um presente para* algum membro da nossa família que está vivendo um momento difícil (doença...) ou para quem festejará logo o aniversário.

### 13-17 anos

*Preparar um jantar ou uma festa* para as nossas famílias. Organizar uma festa para os pais (um lanche, um jantar...) com a possibilidade de jogar juntos

O *jogo das lembranças*: Pedir para os pais escreverem, em várias folhas, breves recordações, felizes e / ou engraçadas de quando eram crianças. Colocar essas folhas em uma caixa, e tirar uma de cada vez e ler em voz alta. Todos tentarão adivinhar quem é o protagonista da história que, uma vez reconhecido, poderá, eventualmente, acrescentar detalhes à sua história, até mesmo respondendo as perguntas dos presentes.

*Você é um dom para mim*: Todos escrevem alguma coisa positiva em uma folha grudada nas costas dos outros.

